



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

ISSN: 2178-2547

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Viotti, Ana Carolina de Carvalho  
As virtudes medicinais do tabaco, a 'erva santa', descritas  
por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI)  
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências  
Humanas, vol. 15, núm. 1, e20190147, 2020, Janeiro-  
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0147

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394065203013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por  
um missionário europeu no Oriente (c. século XVI)  
The medical virtues of tobacco, the ‘holy herb’, described by a  
European missionary in the East (c. 16th century)

Ana Carolina de Carvalho Viotti 

Universidade Estadual Paulista. São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Provavelmente em meados do século XVI, um religioso europeu de nome Leonel de Sousa, em missão às partes mais a leste do mundo conhecido, registrou, em um manuscrito de dez fôlios, a “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.). Ali, anotou os mais destacados usos da planta americana, as doenças para as quais seria útil e as formas mais precisas de manusear o elemento e extrair dele seu potencial curativo. A erva a que se refere, o tabaco, não gozava do predicado de ‘santa’ inequivocamente, sobretudo entre outros homens de fé que, em escritos diversos, sublinharam os vícios despertados por seu consumo, o que torna a compilação merecedora de uma análise mais detida. É à transcrição integral deste manuscrito, acrescida de breves comentários e indicações, que este texto se dedica.

**Palavras-chave:** Tabaco. Plantas. Medicina. Saúde. Oriente.

**Abstract:** Probably in the mid-16th century, a European religious named Leonel de Sousa, on a mission to the easternmost parts of the known world, recorded in a ten-folio manuscript, the “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.). There, he has revealed the most prominent uses of these American plant, such as diseases for which it was useful and the most accurate ways to handle and extract the potential healing components of the natural element. The herb he referred to as ‘holy’, the tobacco, was not unequivocally seen as so, especially among other priests or religious men who in diverse writings, underlines the addiction that could be aroused by its consumption. This characteristic makes the compilation worthy of a more thorough analysis. It is to the full transcription of this manuscript, with brief comments and indications, that this text is dedicated.

**Keywords:** Tobacco. Plants. Medicine. Health. East.

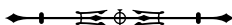
---

Viotti, A. C. C. (2020). As virtudes medicinais do tabaco, a ‘erva santa’, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(1), e20190147. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0147

Autora para correspondência: Ana Carolina de Carvalho Viotti. Universidade Estadual Paulista. Avenida Eufrásia Monteiro Petrágia, 900 – Franca. São Paulo, SP, Brasil. CEP 14409-160 (carolina.viotti@unesp.br).

Recebido em 11/12/2019

Aprovado em 04/02/2020



Todos os alimentos são geralmente difíceis de desgastar, mas Deus remediou isto com uma erva, cujo fumo muito ajuda a digestão e a outros males corporais e a purgar a fleuma do estômago. . . .  
Eu teria dela precisão por causa da umidade e do meu catarro, mas eu me abstenho de querer  
*quod mihi útil est sed quod multis ut save fiant*  
(Leite, 1956, pp. 156-169)<sup>1</sup>.

É esta uma das primeiras menções ao tabaco em língua portuguesa, presente em uma carta do conhecido Padre Manuel da Nóbrega dirigida a seu confrade Simão Rodrigues, que se encontrava em Lisboa, remetida de Porto Seguro aos seis dias do primeiro mês de 1550. Com um elogio às suas propriedades curativas e com uma ressalva moral, é a planta apresentada aos familiares e membros da Companhia de Jesus do outro lado do Atlântico. Muitos foram os que, depois dele, teceram recomendações, pautados, sobretudo, no que viam e ouviam dizer do emprego do tabaco pelos naturais da *terra brasiliis*. Em seus depoimentos, a terapêutica (e a sociabilidade) relacionada ao consumo do tabaco – erva santa, erva de todos os males e erva da rainha mãe (Léry, 1972)<sup>2</sup> ou, como referiram-se os viajantes europeus, *petum pytyma*, *bettin*, *petigma* *petume*, *peti*, *pitim* (Burton, 2001; Kell, 1966) (são muitas as variantes!) –, se era feita com ele mascado, aspirado como rapé, inalado em cachimbos ou cigarros, bebido ou aplicado sobre o corpo, pode ser cotejada como uma entre as diversas temáticas abordadas – os costumes dos indígenas, as benesses da terra, as formas de melhor se estabelecer no território, os sucessos ou as frustrações missionárias –, quer dizer, não é o tema exclusivo dessas cartas, crônicas ou tratados, embora seja uma referência constante. Na verdade, a própria temática da conservação ou do restabelecimento da saúde não se caracteriza, ao fim e ao cabo, como alvo primeiro dos supracitados letrados e homens pios.

Há, porém, uma série de documentos que se encaminham nesta direção, oriundos também das penas

dos jesuítas e, entre eles, um que expõe, de forma bastante específica, os conhecimentos sobre as aplicações da erva santa para fins terapêuticos. Este é o documento que será aqui apresentado, transcrito e comentado, considerando-se que fora através de uma sistemática troca de informações – um dos pilares do carisma da Ordem, é verdade, como estratégia para garantir a coesão e a solidariedade de seus membros (Castelnau-L'Estoile, 2006) –, que esses missionários que rumaram a sul e a leste começaram a escrever e a fazer circular (Chambers & Gillespie, 2000, pp. 228-231) a descrição de plantas (Henriques, 1989; Ferrão, 1993) curativas indígenas e orientais (Russell-Wood, 1998, pp. 227-276), incluindo notas descritivas de como identificar, preparar e aplicar drogas nativas até então desconhecidas do europeu (Walker, 2013), como era, então, o tabaco (Febrer, 2001).

Os inicianos passaram a replicar preparações conhecidas, a adaptar remédios às realidades locais e, sobretudo, a compor novas mezinhas em espaços privilegiados dos Colégios (Martín & Valverde, 1995), em um movimento que já não é mais lido como refratário à ciência (Fleck, 2015; Asuá, 2014; Del Valle, 2009; Di Liscia, 2002). E isso quase desde o momento em que se instalam nas regiões colonizadas ou ocupadas pelos lusos, já em meados do século XVI – além, por certo, dos locais que firmaram no Portugal peninsular (Dias, 2009). O estabelecimento das primeiras enfermarias e boticas jesuítas datam, na Ásia, para se ter uma ideia, de 1542 em Goa, Índia e Macau e de 1563, apenas um ano depois, na China (Saldanha, 1990, pp. 46-48; Amaro, 1992, pp. 7-11); no Brasil, a maior das colônias portuguesas, há notícias da fundação missionária e assistencial em 1554 para São Paulo e 1549 para Salvador, com início das atividades de atendimento aos corpos enfermos pouco tempo depois. E desde então, cada vez mais sistematicamente, reuniram,

<sup>1</sup> Esta antiga expressão latina é original do evangelho (1 Cor. 10:25) e apareceu, pela primeira vez, ligada ao tabaco nos escritos do padre Manuel da Nóbrega (Nóbrega, 1988, p. 112). Foi traduzida por Caldeira (2008, p. 9) como: “Não o que é útil para mim mas para o maior número, a fim de que sejam salvos.”

<sup>2</sup> Como homenagem à Rainha Catarina de Médici (Léry, 1972).

mesclaram, apropriaram-se, ressignificaram e difundiram informações sobre a flora autóctone e seus usos para curar corpos, mesmo sendo ‘médicos da alma’, a fim de cumprirem seus objetivos missionários e angariarem fundos nada desprezíveis para a Ordem (Walker, 2009).

## **CADERNOS OU COLEÇÕES DE RECEITAS DOS JESUÍTAS**

É nesse contexto em que uma das ricas ‘coleções de receitas’ dos jesuítas, ou ‘cadernos de receitas’ (Gesteira et al., 2019), é organizada. Trata-se do “Breve compendio de varias receitas de medicina” (n.d.), uma miscelânea de notícias sobre as ervas do oriente (Zupanov, 2005; Harris, 1999, p. 214), as formas mais úteis de curar as doenças de lá e as receitas testadas por doutores e por padres radicados a leste, manuscrito de 155 fólios, salvaguardado pela Biblioteca Nacional da França (BNF) em volume, até onde sabemos, único. Seu texto mais antigo fala sobre as “Esperiencias das hervas orientaes que sua Mage[s]tade mandou fazer ao vizorey Mathias de Albuquerque, anno de 1596”, mas, provavelmente, o organizador do tomo seria um religioso enviado a Macau apenas em 1656, o flamengo Francisco Rougemunt<sup>3</sup> (Rodrigues, 1944, p. 163). Seu nome consta na primeira página da encadernação e, ao que tudo indica, ele teria tomado algumas notas para uso pessoal do levantamento remetido ao vice-rei antes de seu envio à Ásia; úteis, por certo, na missão que o aguardava.

O ‘livro’, no entanto, não é homogêneo, sendo composto por outros textos, além das citadas “Esperiencias das hervas...”: “Regimendo das virtudes da rais de madre de Deos de Malaca”; “Regimento para o que serven os pelourinhos, do P. Francisco Homem da Companhia de Jesu”; “Mezinhas tresladadas de hum livro de maõ do P.

Luca Perez”; “Regmento da pedra do bezar, do mesmo Doutor Dimas”; “Receitas [que] dizem foraõ do Conde de Vidigeira” e outros. Por serem identificados com autorias diferentes e com grafias bastante díspares entre si – inclusive com notas em francês, latim e mandarim –, é corroborada a suposição de que o missionário flamengo ‘ajuntou’ notas produzidas por outras pessoas às suas. Com sinais claros de uso e manejo, o volume parece ter sido reorganizado em algum momento, já que a paginação do conjunto de textos aparece riscada e refeita.

## **O MANUSCRITO SOBRE A ERVA SANTA**

É nesta obra que encontramos um texto inteiramente voltado ao uso medicinal do tabaco, de maneira organizada e com pormenores, intitulado “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.), assinado pelo padre Leonel de Sousa<sup>4</sup>. Embora o compêndio seja referido em alguns estudos sobre a presença lusa na Ásia, esse manuscrito relacionado à erva santa fora abordado, até onde pude constatar, apenas por Fernando Amaral Gomes, na década de 1960, em duas oportunidades: em forma de comunicação, no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (Gomes, 1961), e no livreto “O estudo da erva santa que é o tabaco: manuscrito ignorado do padre Leonel de Sousa” (Gomes, 1962), cujo único exemplar se encontra na biblioteca da Universidade de Utrecht, na Holanda. Pelo quase ineditismo do documento, vale apresentá-lo com algum vagar e indicar, ainda que de maneira inicial, as potencialidades que sua análise guarda e que tem guiado a investigação em curso sobre a medicina praticada pelos inicianos em suas boticas no aquém e no além-mar.

É verdade que a santa erva não se enquadraria no grupo de plantas ‘do oriente’, posto que, como os muitos

<sup>3</sup> Para mais informações sobre François (ou Francisco) de Rougemont, sobretudo relacionadas a outras produções bibliográficas, ver Golvers (1999).

<sup>4</sup> Consoante à pesquisa de Fernando do Amaral Gomes, não foram encontradas quaisquer referências a ele nas principais crônicas de ordens religiosas – dominicanos, jesuítas e franciscanos (Quétif & Echard, 1719; Leite, 2004). No entanto, é possível supor, a partir da presença do texto em uma compilação do jesuíta François/Francisco Rougemont, que Leonel de Souza obrasse nessa Ordem.

relatos anteriores e coetâneos já indicados asseveravam, sua origem é americana<sup>5</sup>, mas sua presença no volume não causa espanto por três razões principais: em primeiro lugar, pela sublinhada comunicação constante e circulação de informações, de conhecimento – e de produtos – entre os inicianos; depois, pela vulgarização do comércio do tabaco àquela altura; e, por fim, pelas muitas aplicações que a planta teria em benefício da saúde. E quais seriam eles?

O padre Leonel de Sousa, de quem pouco sabemos, inicia as anotações que se dividem em dez fólios com uma observação geral:

Tem a erva santa a virtude de aquecer, revolver e confortar[,] une e solta as feridas frescas e em breve tempo as cura. Como dizem[,] pô-la primeira intenção alimpar as chagas corruptas abrandando-as e reduzindo-as à perfeita saúde como adiante se verá. (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 160).

De partida, temos uma amostra do vocabulário associado à planta em sua versão medicinal e que será reiterado pelo missionário, que, ao que tudo indica, era jesuíta: curativa, confortativa; uma erva que resolve, une, solta, limpa, aquece ou, em suma, 'grande remédio'. Esses predicados repetir-se-ão nas dezenove preparações para males específicos que compõem o manuscrito: para dores de cabeça, para o mal da tinea – “uma espécie de lepra que dá na cabeça e faz cair o cabelo” (Silva, 1813, p. 776) –, para matar piolhos, para o sono (e a falta dele), para corrimentos, para os males do peito, para dores do estômago, para fleumas do estômago, para opilações – “obstruções nos canais ou dutos do corpo” (Silva, 1813, p. 376) –, para cólica e mordexim – “uma doença ordinária dos índios. . . . propriamente indigestão e falta de cozimento” (Bluteau, 1712-1728, p. 577) –, para lombrigas, para fazer desaparecer as sanguessugas, para dores nas juntas, para apostemas (um tumor ou abcesso) e leicengos ('grosso modo', os furúnculos), para dor de dentes, para impigens

(doença de pele comum e contagiosa), para venenos e feridas – com diferentes aplicações em feridas frescas e chagas velhas, sempre, segundo ele, bem sucedidas – e para boubas. Além das receitas para essa quase vintena de doenças, Sousa discrimina as regras gerais para a feitura de seis preparos com o tabaco, a saber: lambedor santo, óleo santo, um outro óleo, unguento santo, lambedor da erva seca e, por fim, o óleo da erva seca.

Ao olhar essas receitas em conjunto, para além de obter uma espécie de listagem de doenças para as quais o emprego do tabaco seria virtuoso, depreendem-se algumas questões: de que maneira a erva deveria ser ministrada? Como ingrediente simples ou como parte de um composto? Ele substituiu algum fármaco já conhecido, com mais virtude, em algum achaque? Como extrair dele a plenitude de benefícios? Como identificar se ele seria, de fato, eficaz para um determinado mal?

## PREPAROS E VIRTUDES

Em relação às formas de preparar a erva dita santa, para aplicação, parece ter sido o formato de sumo o mais recorrente, com quinze ocorrências, seguido de nove indicações para uso como óleo, oito para administração de suas folhas (inteiras ou quentes) ou por meio de unguentos, cinco para uso como lambedores, três ocorrências de seu uso da erva pisada, em rescaldo ou como vomitório e apenas duas menções como pó. Aqui, é importante sublinhar que o religioso não recomenda o uso do pó para inalação como rapé, forma usual entre os indígenas do Brasil, e que rendeu algumas críticas e interditos ao consumo de tabaco, mesmo que para fins medicinais, por missionários como o referido Manuel da Nóbrega: nas duas ocorrências da erva em pó, para lombrigas e para fazer desprender as sanguessugas, ela deveria ser ou ingerida, como no primeiro caso, ou, como no segundo, assoprada com um canudo sobre as partes. Vale dizer que, nessa quantificação, considerou-se a possibilidade

<sup>5</sup> Há mais de sessenta espécies da planta *Nicotiana*: algumas poucas parecem ser nativas da Austrália e a esmagadora maioria é associada ao continente americano.

de haver mais de uma forma de aplicação do tabaco para o mesmo achaque: no caso das feridas frescas, por exemplo, tanto o sumo quanto a folha pisada seriam proveitosos.

A erva santa, que, segundo ele, deveria ser sempre 'colhida no mês de maio', vem para substituir o solimão, uma composição, de acordo com o dicionarista e também jesuíta Raphael Bluteau, de "azogue, sal amoníaco ou salitre e vitríolo sublimados. . . . mortalmente venenosa", se ingerida em excesso, "mas que se toma pela boca com muita segurança e suavidade" (Bluteau, 1712-1728, p. 707), se bem preparada, na função de contraveneno. Ela aparecerá, ainda, como medicamento singular em doze das dezenove receitas; nas fórmulas gerais, com exceção do unguento santo (que seria fabricado com alguma cera, cuja especificação não é fornecida pelo padre), todas levam um ingrediente 'comestível'. No grupo geral de menções ao longo do manuscrito, há leite (citado uma vez), vinagre (5), mel (3), vinho (1), óleos de coco e de gergelim (duas vezes cada), uma proeminência da mistura com açúcar comum ou clarificado (citado sete vezes, com as duas versões aninhadas juntas no gráfico) e certa variedade de outras plantas ou ervas. Nesse grupo, incluem-se malva, com duas menções, acelga, alface, almeirão, chicória, dormideira e erva moura, com uma alusão cada. Assim como o tabaco, essas plantas seriam de fácil acesso não só entre os asiáticos, mas também nos quintais, hortas e boticas dos Colégios 'dos quatro cantos do mundo'.

De posse desses complementos fitoterápicos e da santa erva, proceder-se-ia ao uso do medicamento, em linhas gerais, por oito vias diferentes: esfregando o preparo; untando ou fomentando a parte enferma, através de um pano morno ou de um pano quente; soprando sobre a chaga; ou, com maior frequência, aplicando-o diretamente sobre o mal; ou, ainda, ingerindo-o. Mas

tudo isso só seria possível – ou melhor, só faria com que o enfermo recobrasse a saúde – se a doença e sua manifestação no corpo fossem corretamente identificadas, por isso, um outro aspecto digno de nota está na descrição da malignidade a partir de sua 'qualificação'. O religioso, como outros de sua Ordem que obrariam como enfermeiros ou boticários (Leite, 1952), parece ser versado nos pressupostos da teoria humoral<sup>6</sup>, o grande viés de entendimento das causas das enfermidades daquele tempo – e sendo praticamente uníssona entre os lusos, ao menos até meados do século XVIII (Dias, 2010) –, o que o fez julgar como importante delimitar, tanto quanto possível, a proveniência da doença por essas balizas: fria, quente, fleumática; oriunda de viscosidade ou de ventosidade.

Ao observarmos mais de perto uma dessas receitas, é possível melhor visualizar as estratégias utilizadas pelo padre para preparar, ele mesmo, alguma mezinha ou, como é possível supor, instruir seus possíveis leitores sobre o método correto de manejo do santo ingrediente. Nas indicações de atalhamento dos 'males do peito', por exemplo, identificamos com facilidade alguns aspectos da exposição: suas considerações sobre as causas da doença (no caso, a frialdade, ou os humores frios); a forma correta de ministrar o remédio (pela boca); de que maneira o tabaco entraria na receita (sumo ou lambedor santo); algum ingrediente complementar ao preparo (aqui, o açúcar); a virtude do remédio para a dita doença (abrandar a tosse e purgar o catarro); para quem a fórmula seria destinada (nesse caso, para qualquer idade); e, por fim, algumas advertências sobre a quantidade (não passar de três onças de sumo e não usar de forma contínua, para que a natureza do corpo não se habituassem aos efeitos do medicamento).

<sup>6</sup> Em linhas bastante gerais, a teoria humoral, também referida como hipocrático-galênica, pressupunha ser o corpo uma espécie de microcosmo, em que as qualidades dos quatro elementos constituintes da natureza poderiam ser encontrados. A saúde seria alcançada ou mantida quando essas partes constituintes, os humores, encontravam-se em equilíbrio; a doença, por sua vez, poderia ser explicada pela sua falta, excesso ou corrupção. Sangue, fleuma, cólera e melancolia são os quatro humores primários, ao passo que seco/úmido, frio/quente, delgado/grosso e doce/amargo configuram-se como suas qualidades, aos pares.

Aqui, além dos aspectos anteriormente avaliados, salta aos olhos a necessidade de observar sua preocupação em destacar o destinatário do remédio – o que se repete em diversos outros, indicados 'para homens', 'para homens e mulheres', 'tanto para grandes quanto para pequenos' – e o constante cuidado para não tomar esse ou aquele composto em excesso, tanto pelo malefício imediato que poderia causar, como pela ineficácia do uso contínuo ou mesmo por suscitar um tipo de vício. Essas advertências, ao mesmo tempo em que especificavam a quem a receita deveria ser ministrada, evitariam que as fórmulas fossem utilizadas em casos impróprios e descredibilizassem o autor.

## EXPERIMENTAR E DISSEMINAR O CONHECIMENTO

Nesse mesmo sentido, outro recurso de que se vale o padre Leonel de Sousa – como era, aliás, próprio de seu tempo – é a experimentação como mecanismo de validação do conhecimento. Nas receitas, ele afirma ter testado, provado, utilizado ou aplicado ele mesmo os preparos e sua eficácia, ou, na outra via, quando não teria submetido o método à prova, registrava a informação junto ao passo a passo. É o que faz no caso das dores de dente, a título de ilustração, em que ele anota que "será bom a raiz da dita [erva]", mas afirma que sabe dessa forma de utilização "porque me

disseram, mas ainda não experimentei" (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 170).

O missionário estava convencido de que a lista de doenças e preparos para emendá-las ainda tinha muito a crescer. Já ao final da última receita, a de boubas, ele registra uma advertência, em que se lê o seguinte:

Outras muitas virtudes tem a erva que até agora não andam em uso e por isso não as ponho aqui, mas o tempo as irá descobrindo para que todos nós aproveitemos delas, o certo é que a erva é proveitosa particularmente aos pobres pela qual razão lhe dei bem o nome que por excelente lhe puseram que é erva santa (Vertude da Erva Sancta que he o tabaco, n.d., p. 87).

Essa expectativa, e mesmo a longa exaltação que faz sobre o uso do tabaco, pode ser explicada, ao menos em parte, pelo maravilhamento do padre Leonel e seus coetâneos nos primeiros contatos com a erva, tomada, então, como quase que milagreira. E mesmo que com o passar do tempo o consumo de tabaco tenha se afastado significativamente do campo dos benefícios médicos para florescer no comércio ultramarino<sup>7</sup> e que juízos moralizantes sobre os efeitos da planta, sob alguns formatos, tenham se cristalizado, veremos ainda suas aplicações, de forma bem menos sistematizada e não como tópico de um texto inteiro, é verdade, em outras das 'coleções de receitas', também manuscritas, rapidamente mencionadas anteriormente<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Um balanço historiográfico sobre o papel do tabaco na economia colonial pode ser consultado em Acioli (2005).

<sup>8</sup> Apenas para indicá-las, destaco que, já no Setecentos, mais precisamente em 1720, o padre Afonso da Costa, missionário da Companhia em Goa, remete-se, em um trabalho que lhe ocupou por mais de três décadas, a "Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis, e saudíveis folhas, em que se deixa ver muitos e singulares remedios assim simplicis, como compostos, que a Arte, e experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curar com facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo esta sogieto, principalmente em terras desituidas de Medicos e Boticos. Copiados de diversos Autores assim impressos, como manuscritos, de varias noticias e experiencias vistas e aprovadas... Offerecida pelo Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Provincia de Goa" (Costa, 1720). Em 1766, já após a expulsão dos inicianos dos domínios lusos, encontramos na "Coleção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes" (1766), compilação anônima valorosa para compreender a disseminação do conhecimento médico no mundo colonial português, o emprego da erva santa no 'emplastro magistral', elaborado na Botica do Colégio de Macau (com a referência a 'nicociana') e no 'emplastro de tabaco', do Irmão André da Costa, da Botica do Colégio da Bahia (como tabaco), pelas virtudes curadoras de chagas, e como 'sal de tabaco' na mais famosa receita do mesmo Colégio, a 'Triaga Brasília', entre mais de trezentas preparações médicas detalhadas. A "Coleção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes" (1766) foi recentemente editada por Viotti e França (2019).

Ao desenvolverem, disseminarem e, por certo, apropriarem-se de informações sobre um mundo natural que passou a ser experimentado após os movimentos expansionistas lusos, sobretudo nos usos médico-farmacêuticos que dele poderiam ser extraídos, os jesuítas firmaram-se como produtores de ciência, em moldes definidos, e não a ela refratários, como por muito tempo se afirmou. Recolheram, sistematizaram e espalharam, pela observação e pelo contato mais ou menos violento com o nativo, sementes, frutas, folhas e raízes que sanavam os males dos homens da terra e do mar, funções, muitas vezes, até então estranhas àqueles produtos. A exploração das virtudes curativas do tabaco a partir de um manuscrito muito pouco conhecido, transcrito e apresentado integralmente ao leitor, a seguir, pode ser tomada como um exemplo interessante para entender os mecanismos possíveis à época para o movimento (Russell-Wood, 1998) e para a realização de trocas de conhecimento, de produtos, de pessoas; da relação entre as esferas morais e científicas; da ponte possível entre a feitura de um saber temporal, mas sempre cercado de certa inspiração espiritual; da ressignificação de elementos para fins específicos. Trata-se de uma planta que nasce na América e é aproveitada alhures, minuciosamente escrutinada por um religioso, em prol do erário régio, da Companhia e da saúde. É um entre os muitos produtos que transitaram lá e cá, talvez nem todos ‘santos’, mas que deram novos contornos aos cuidados com o corpo no ‘novo’ e nos ‘velhos’ mundos.

### UMA PALAVRA SOBRE A TRANSCRIÇÃO

Como supraindicado, este texto busca apresentar, integralmente, a transcrição e a edição da “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.), do padre Leonel de Sousa. Para tanto, além do manuscrito salvaguardado pela BNF, tomado como base para este trabalho, as duas

edições localizadas da obra, empreendidas por Gomes (1961, 1962) em um curto espaço de tempo – mas que, ainda assim, diferem entre si –, foram consultadas e as divergências mais significativas entre as opções que apresento (ou mesmo as diferenças entre as duas transcrições conhecidas) são referendadas em notas. Vale dizer que os dois empreendimentos de Gomes (1961, 1962) não dão pistas sobre a trajetória do padre Leonel de Sousa ou apresentam comentários acerca das palavras incógnitas ou, para ele, irreconhecíveis ou ilegíveis do texto.

Optei, pois, por modernizar a grafia das palavras, de modo a facilitar o contato com o documento pelo leitor contemporâneo, bem como incluí, quando necessário, sinais de pontuação que tornam o texto mais próximo da leitura corrente. As indicações das inclusões de sinais gráficos constam entre colchetes [ ]. No entanto, ao contrário do empreendido por Gomes (1961, 1962), mantive o que seriam as linhas do texto como no manuscrito original, de modo que o leitor consiga visualizar a quantidade de linhas e a disposição do texto no livreto. Complementarmente, indico também em notas de rodapé, ao longo do texto, o significado de algumas palavras que potencialmente são desconhecidas do leitor não especializado ou que caíram em desuso e não são facilmente encontradas em dicionários contemporâneos.

Por fim, é importante destacar que a paginação indicada na transcrição segue a numeração atribuída pelo autor, e difere ao longo do manuscrito. Naquele que seria o fôlio 1 da “Vertude da Erva Sancta que he o tabaco” (n.d.), há duas marcações no canto superior direito da página: o número 159, que aparece soberriscado, e, ao seu lado, à esquerda, o número 80. O autor do texto ora mantém a paginação que se inicia com o número 159, ora faz correções a ela; essa variação foi indicada ao longo do documento (Figura 1).





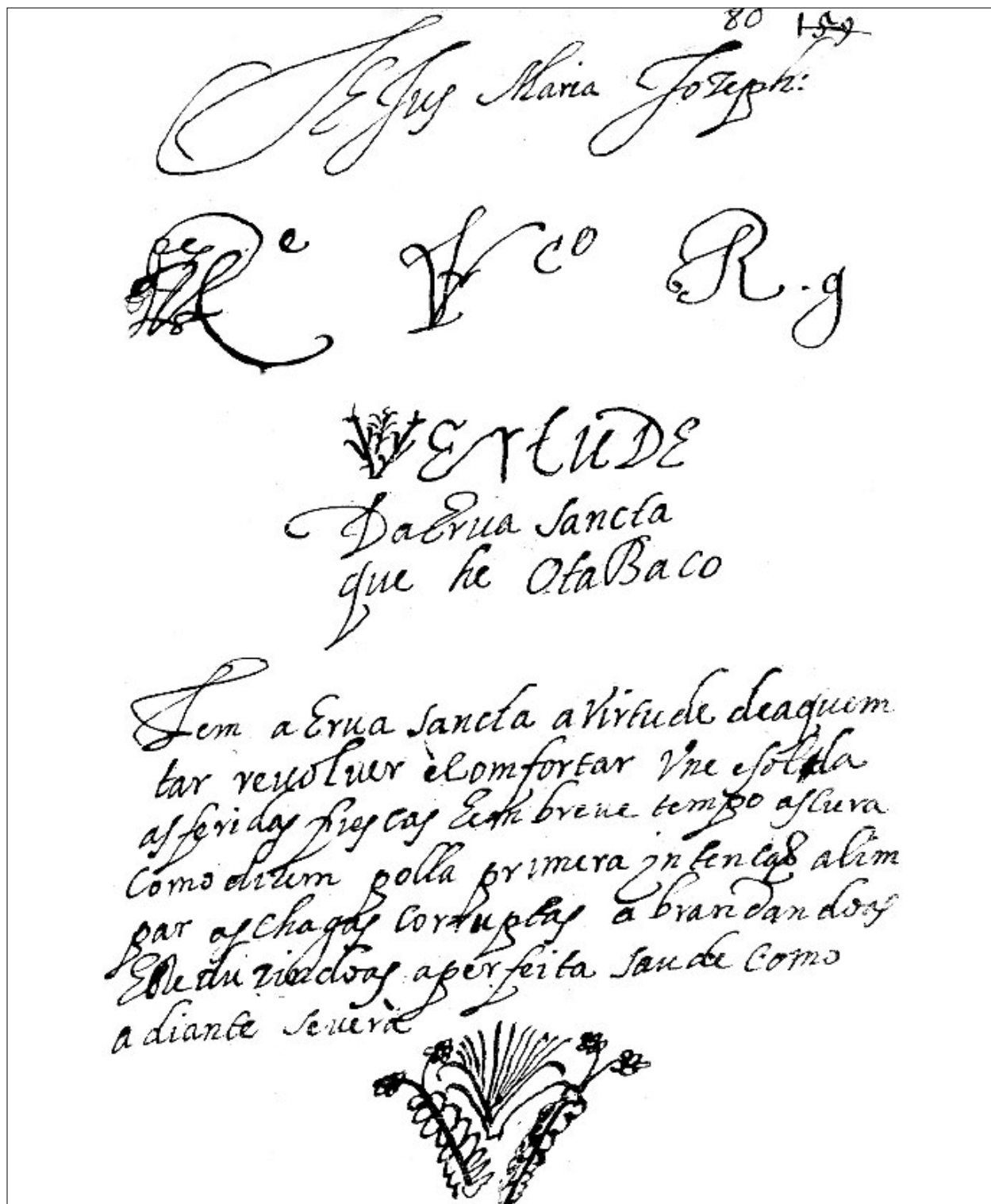


Figura 1. Fólio n. 1 (grafado como p. 80) do manuscrito. Fonte: Vertude da Erva Sancta que he o tabaco (n.d.).

80 459

**Jesus Maria José**  
**R<sup>e</sup> V<sup>co</sup> R.g**

**Virtude**  
**da erva santa**  
**que é o tabaco**

Tem a erva santa a virtude de aquecer  
revolver e confortar[,] une e solda  
as feridas frescas e em breve tempo as cura  
Como dizem[,] pô-la primeira intenção a limpar  
as chagas corruptas abrandando-as  
e reduzindo-as à perfeita saúde como  
adiante se verá[.]

p. 160 - Em branco

p. 81 464

**Para as dores de cabeça**

Tem a erva santa particular virtude de curar  
as dores de cabeça[,] particularmente  
as que procedem de coisa fria[,] e da mesma  
maneira cura a enxaqueca quando é  
de humores<sup>9</sup> frios o[u] viscosos[,] aplicando-lhe as  
folhas quentes no rescaldo[,] repetindo-as<sup>10</sup>  
todas às vezes que for necessário até que  
a dor se acabe. Serve assim mesmo para  
as bostelas<sup>11</sup> que nascem na cabeça[,] esfregando-as  
com as folhas da erva santa  
pisada com sumo da dita erva[,] repetindo  
às vezes que for necessário[,] e depois se fará  
no mesmo lugar uma untura com óleo santo

<sup>9</sup> Humor pode ser compreendido como líquido que gira e circula nos vasos do corpo humano e nos das plantas para a vegetação de todos os corpos (Silva, 1813); medicamente falando, pelos humores, não se entende só os quatro humores do corpo, como é o sangue, a fleuma, a cólera e a melancolia, mas todas as mais umidades, como é o leite, o esperma e, ainda, os humores excrementícios, como a saliva, as lágrimas e o soro do sangue (Bluteau, 1712-1728).

<sup>10</sup> Há, entre as linhas 5 e 6, uma anotação ilegível, como se se tratasse de uma nota, indicada com o número 1. Essa menção não aparece em nenhuma das duas edições consultadas de Gomes (1961, 1962).

<sup>11</sup> Bostela significa pústula ou ferida (Silva, 1813).

de que abaixo notaremos[.] É remédio mui[to] provado  
e seguro<sup>12</sup> para grandes e pequenos –

#### Para o mal de tinha<sup>13</sup> |

Serve para toda a sorte de tinha<sup>14</sup>[.] aplicando-lhe  
primeiro o sumo as vezes que for necessário até que  
as bostelas comecem a cair[.] e depois se faça  
unturas nas mesmas bostelas com o óleo

p. 162

santo[.] particularmente se houver matéria  
nas bostelas[.] de cada qual destas coisas se  
tem feito largas experiências.

#### Para matar piolhos

Para matar piolhos da cabeça ou de outra  
parte[.] esfregando com a sua folha  
pisada o[u] sumo dela[.] e não bastando isso  
pode usar do óleo o[u] unguento[;] e isso se  
repita às vezes que for necessário até não  
haver piolhos[.] porque é coisa provada[.]

#### Para o sono

Aproveita[da] para os que com falta de sono  
por razão de alguma enfermidade  
causada de frio[.] como são paralisia[.] apoplexia<sup>15</sup> e  
as doenças que vulgarmente se chamam  
de ar[.] molhando pano no sumo da dita  
erva estando morno e aplicando sobre  
a testa e fonte<sup>16</sup>.

#### Para corrimentos

Para os corrimentos o[u] outra qualquer dor

---

<sup>12</sup> Em Gomes (1962, p. 11), consta 'asseguro'.

<sup>13</sup> Há uma anotação – com transcrição literal, "*scabiejin – star movbus est in capile pueri sus obnoxi*" – que não é indicada em nenhuma das obras de Gomes (1961, 1962).

<sup>14</sup> Tinha corresponde a escábia; sarna chata; espécie de lepra na cabeça (Bluteau, 1712-1728); lepra que faz cair cabelo (Silva, 1813).

<sup>15</sup> Apoplexia significa ataque do cérebro que priva da sensibilidade e movimento, com ronquido e dificuldade de respirar (Silva, 1813); mal que, como raio, fere e derruba subitamente (Bluteau, 1712-1728).

<sup>16</sup> No manuscrito, há a inscrição em latim "*tempore* – [ilegível]", não mencionada nas duas edições consultadas.

causada de frio em qualquer parte  
do corpo que seja[,] aplicando suas folhas

p. 82

quentes no rescaldo o[u] molhando<sup>17</sup> panos em seu  
sumo morno[,] aplicadas à parte enferma  
maravilhosamente aproveita[,] ainda que  
seja na cabeça

[para curar membros encolhidos de  
frio grandemente[,] serve o óleo da pág. 175 etc.  
Esfregando o quente sobre  
a parte enferma também esquentada diante do fogo]<sup>18</sup>

### Para males do peito

Particularmente aqueles que escarram  
matéria pela boca quando é causada  
de frialdade. E muito particularmente socorre  
aos asmáticos[,] tomando pela boca o  
sumo da dita erva com um pequeno de  
açúcar por três o[u] quatro dias[,] da primeira vez se pode  
tomar meia<sup>19</sup> onça<sup>20</sup> e depois irá acrescenta[ndo]  
conforme a necessidade[,] mas não passe de três  
onças[,] posto que não faz mais dano que virar  
a cabeça e[,] desta maneira[,] muitas vezes faz vomitar  
e lançar muitas fleumas<sup>21</sup> pela boca.

Também para esta enfermidade pode usar do  
nosso lambedor<sup>22</sup> santo que abaixo trataremos[,]  
que ainda tem mais forças para lançar as fleumas[,]  
viscosidades e umidades do peito[,] abranda  
a tosse[,] purga o catarro causado do frio e pode-se  
tomar de meia<sup>23</sup> onça até duas conforme  
a idade e necessidade de cada um porque

[página sem numeração]

<sup>17</sup> Em Gomes (1962, p. 12), está como "no rescaldo e molhando".

<sup>18</sup> Em Gomes (1961, 1962), a passagem é inclusa na sequência da receita, inserindo um ponto final.

<sup>19</sup> Em Gomes (1961, p. 219; 1962, p. 12), se escreve muita.

<sup>20</sup> Onça é a duodécima parte de uma libra romana (Bluteau, 1712-1728); medida de líquidos de boticário (Silva, 1813).

<sup>21</sup> Fleuma significa humor úmido e frio que se acha no corpo humano; flegma; pituita (Silva, 1813).

<sup>22</sup> Lambedor é uma composição farmacêutica, de consistência mediana entre o xarope e os eletuários moles, assim chamado porque o enfermo não o bebe propriamente, mas o deixa deslizar aos poucos pela garganta, de certo modo lambendo-o (Bluteau, 1712-1728).

<sup>23</sup> Em Gomes (1962, p. 12), a palavra aparece equivocadamente como "muita".

se for muito faz vomitar e por isso não é bem que se  
tome tanto por junto se não de pouco a pouco  
aos tragos[.]

Advirta-se que todas as coisas que aqui se fala  
não se querem muito continuadas[,] porque uso faz  
habituár a natureza de tal modo que depois  
não pode fazer a mezinha sua obra  
perfeita[.]

#### Para dores do estômago

Para as dores do estômago[,] quando é de frio o[u] de  
Ventosidade[,] aplicando suas folhas quentes  
sobre[,] repetindo-as todas às[as] vezes que for  
necessário até que a dor se abrande[,] e depois  
de feita esta fomentação que assim se chama  
se pode fazer uma untura com o óleo  
santo o[u] unguento[,] e depois de feita se apartará  
o estômago com uma toalha[.]

#### Para fleumas do estômago

É grande remédio para as fleumas  
ou tosse ou sem ela[,] usar do sumo da erva santa  
tomando por modo do vomitório<sup>24</sup>[.] a saber[,]  
uma onça de sumo da erva santa clarificado

p. 83 145  
outra de mel ou açúcar e meia<sup>25</sup> onça de vinagre  
tudo junto morno se tome em jejum pela manhã[.]

Outro vomitório para o mesmo[:] meia<sup>26</sup> onça de lambedor  
Santo[,] quatro oitavas de vinagre  
e três onças de água[,] tudo junto morno se tome  
pela manhã em jejum[,] advirta-se que estes vomitórios  
para fazerem proveito se pode tomar duas  
ou três vezes ou acrescentando de cada vez dobrado

---

<sup>24</sup> Vomitório significa medicamento que tomado pela boca obriga o estômago a expelir os maus humores que tem (Bluteau, 1712-1728).

<sup>25</sup> Em Gomes (1962, p. 13; 1961, p. 219), a palavra aparece escrita erroneamente como "muita".

<sup>26</sup> Em Gomes (1962, p. 13; 1961, p. 219), se escreve erroneamente "muita".

de que fica dito[,] porque estes vomitórios  
sendo em grande quantidade não fazem  
outro dano que virar a cabeça um pouco[,]  
porém nunca se passe de três onças do sumo  
e duas do lambedor[,] serve assim mesmo para as  
fleumas[,] a erva seja trazida na cabeça por  
algun tempo a quantidade que cada um quiser[.]

### **Para opilações**

Aproveita nossa erva santa nas aplicações  
do estômago e baço fazendo fomentações  
com seu sumo do modo seguinte – uma canada<sup>27</sup>  
do sumo da dita erva e quatro onças de bom  
vinagre[,] estando tudo bem quente molhará  
panos de lã no dito sumo quanto quente  
o enfermo puder sofrer[,] se aplicarão a parte  
enferma pondo um pano e tirando.

p. 100<sup>28</sup>

Outro o que se repetirá dez ou quinze vezes[,]  
espremendo um pouco o pano para  
que não leve muito sumo[,] e feito isto se  
fará uma untura na mesma parte com o  
nosso óleo santo morno[,] pode-se isto continuar  
oito ou dez dias[,] e querendo fazer  
duas vezes no dia pode-se fazer havendo  
disposições para isso[.]

### **Para dor de cólica e mordexim**

Para dor de cólica e mordexim<sup>29</sup>

Para todas as cólicas causadas de frio  
o[u] ventosidade aplicará no modo seguinte[:]  
o primeiro se usará das folhas quentes no  
rescaldo[,] aplicado sobre a dor[,] repartindo

---

<sup>27</sup> Canada significa medida de líquidos; contém quatro quartilhos, a duodécima parte de um almude (Silva, 1813).

<sup>28</sup> A paginação do manuscrito é 100, mas, em Gomes (1962, 1961), a paginação é 83v.

<sup>29</sup> Mordexim é uma doença ordinária entre os índios que enfraquece o estômago e causa contínuos suores, indigestão e falta de cozimento (Bluteau, 1712-1728); cólera-morbo (Silva, 1813).

às vezes que parecer[,] e se com isso não abrandar  
fará uma fomentação<sup>30</sup> do sumo da dita  
erva do modo que fica dito nas opilações ~~dores~~<sup>31</sup> do  
estômago e depois de feita fará uma untura  
sobre a dor com o óleo santo quente moderadamente[.]

p. 84 457

e se com tudo não obedecer[,] darão ao  
enfermo<sup>32</sup> vomitório[,] a saber uma onça e meia  
de lambedor santo[,] duas oitavas de vinagre  
e duas de água e tudo morno dê  
a beber ao enfermo para que vomite[,] e se  
com tudo isto não abrandar[,] aplicarão ao enfermo  
uma ajuda do modo seguinte[:] tomará  
cozimento de malvas com oito onças  
do sumo da erva santa e duas onças de óleo  
e uma de mel[,] de tudo se faça ajuda  
quente[,] se lhe aplique[,] e sendo caso que  
alcance logo se lhe dê outra na mesma conformidade  
que acima fica dito[,] porque as ajudas  
nas cólicas é necessário que retenham  
por muito tempo para mover a frialdade  
o[u] ventosidade[,] e se com todos estes remédios  
não houver mudança[,] torne a repetir às[as] vezes  
que for necessário[.]

### Para lombrigas

Primeiramente aplicar as folhas machucadas  
sobre o umbigo[,] depois dará a beber duas  
oitavas de pós da dita erva seja com

p. 168<sup>33</sup>

leite o[u] com açúcar clarificado[,] e isto a pessoas  
grandes[:] aos pequenos basta uma oitava de pós  
da dita erva, também para o mesmo serve uma

---

<sup>30</sup> Em Gomes (1961, p. 220), está como “fermentação”.

<sup>31</sup> Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 13), não há indicação da rasura.

<sup>32</sup> Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 13), grafa-se erroneamente “inferno”.

<sup>33</sup> Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 14), aqui se inicia a página F84v.

onça de sumo com um pouco de açúcar o[u] mel,  
e da mesma maneira se pode tomar a modo do  
vomatório[,] uma onça de lambedor[,] duas de água  
e meia de vinagre aproveita também para  
deitar as lombrigas[,] untará a boca do estômago  
e umbigo com óleo santo e botar-lhe  
em cima uma oitava de pós da erva[,] e apertando  
com uma toalha par[a] não lhe cair os  
pós.

| para desapegadas

#### Para sanguessugas

também serve cal viva |<sup>34</sup>

Para fazer despegar as sanguessugas de qualquer  
parte que estiver[,] assim aos homens como  
as mulheres[,] tomará um pouco de pós da dita  
erva seca[,] os quais meterão em um canudo  
de bambu delgado[,] e soprando sobre a sanguessuga  
de modo que lhe toque[,] porque em tocando  
logo o fez despegar[.] Este segredo me ensinou  
uma pessoa grave com o qual se faz em Alentejo  
muito serviço a nosso Senhor pelas muitas

p. 85 169

sanguessugas que havia lá naquela terra[.]

#### Para dores de juntas

As dores[,] sendo de frio[,] aplicará suas folhas  
quentes do modo que fica dito[,] repetindo  
as vezes que for necessário[,] também o sumo pode  
aplicar a modo de cólica e desta maneira  
resolve o humor poderosamente[,] e se as dores  
forem de humor quente não serve[m] este[s] remédios  
que farão dano[,] salvo quando o humor  
quente estiver já resolvido, o que tiver de  
útil e ficar somente o grosso porque neste caso:  
aproveita como se fosse coisa fria[.]  
Advirto que não somente nas juntas senão em qualquer

---

<sup>34</sup> Frase situada na linha 1 e entre as linhas 1 e 2 da receita.



parte do corpo que houver dores causadas  
de frio o[u] de ventosidade [é virtuosa].

### Para apostemas e leicenças

Para apostemas e leicenças<sup>35</sup> de toda a sorte[,]  
principalmente as que são de frio[,] porque  
as desfaz e resolve<sup>36</sup> em breve tempo[,] lavando-a  
primeiro com o sumo da dita erva quente e pondo  
em cima suas folhas machucadas assim mesmo quente[.]  
E depois que apostema estiver aberta[,]

p. 170

aberta pode lhe aplicar unguento santo  
com a sua mecha se for necessário[,] e quando  
não seja fios secos em cima[,] uma prancheta<sup>37</sup>  
do dito unguento[,] e fazendo desta maneira em  
breve tempo sararão. Até encourar não tem  
necessidade de outra cirurgia[,] e quem usar  
desta cura esteja<sup>38</sup> certo que nunca [a] apostema  
criará corrupção[.]

### Para dor dos dentes

Principalmente as dores que são causadas  
de humores frios ou de reumas<sup>39</sup> caídas da cabeça  
lavará primeiro os dentes com o sumo  
da dita erva e há de ser morna[,] lavará três  
[deixando estar na boca por alguns espaços de cada vez]<sup>40</sup>  
ou quatro vezes, que se tomar, depois de feito  
isto se meterá uma pequena da erva no  
buraco dos dentes se o tiver[,] não tendo buraco  
ponha a roda dos dentes, também  
será bom a raiz da dita porque me disseram[,]  
mas ainda não experimentei[.]

---

<sup>35</sup> Leicença significa tumor com inflamação nas partes carnosas; furúnculo (Bluteau, 1712-1728).

<sup>36</sup> Em Gomes (1961, p. 220; 1962, p. 15), está escrito "revolve".

<sup>37</sup> Prancheta é um tipo de massa de fios chata, usada para curar feridas (Silva, 1813).

<sup>38</sup> Em Gomes (1961, p. 221; 1962, p. 15), consta "esteia".

<sup>39</sup> Reuma é um fluxo ou corrimento de humor crasso ou indigesto (Silva, 1813).

<sup>40</sup> A observação aparece entre as linhas três e quatro da receita. Em Gomes (1961, p. 221; 1962, p. 15), a frase fica apresentada da seguinte maneira: "lavará três o quatro vezes deixando estar na boca por alghu espaço de cada vez que se tomar".

### Para impigens

Para toda a sorte de impigens seja nova

p. 86 474

o[u] velha[,] aplicando primeiro o sumo algumas  
vezes[,] esfregando a impigem com ela[,] e  
depois untará unguento santo as vezes que  
for necessário até sarar[.] e[E] para [ter] mais força  
este unguento lhe botará outro tanto de  
de sumo de alhos o[u] arroz<sup>41</sup>[,] fervendo tudo junto  
em fogo brando até gastar o sumo[.]

### Para veneno e feridas venenosas

Aplicando seu sumo sobre as feridas[,] a  
mesma erva quente um pouco sobre o rescaldo[,]  
e com este remédio escusa o solimão<sup>42</sup> de que  
antes usavam por ser muito mais eficaz[.]  
Serve assim mesmo a dita erva aos que tem veneno  
tomado pela boca[,] o[u] seja solimão[,] o[u] cabelo  
de tigre[,] o[u] outra qualquer coisa[,] e[,] finalmente[,]  
para todo o gênero de peçonhas[,] tomando logo  
o sumo da erva santa pela boca [-] a quantidade  
de uma onça de primeira vez [-]. e[E] depois se pode  
acrescentar<sup>43</sup> mais[,] não passe de três onças de cada vez,  
e deste sumo serve, por alguns dias[.]

[tomar a dita erva fresca ou seca, mastigada por si só  
ou misturada com outra coisa]  
Também serve para o mesmo[,] se pode usar

p. 172

do lambedor santo tomando por algumas vezes[,]  
quantidade de uma onça por cada vez mais ou menos[.]

---

<sup>41</sup> Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve “o parros”.

<sup>42</sup> Solimão é uma composição de azougue, sal amoníaco, ou salitre e vitríolo sublimados e reduzidos a uma massa mortalmente venenosa; veneno. Prepara-se, porém, o solimão de um modo que se toma pela boca com muita segurança e suavidade (Bluteau, 1712-1728). Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve “o limão”.

<sup>43</sup> Em Gomes (1961, p. 222; 1962, p. 16), se escreve como “encontrar”.

conforme a idade que tem a pessoa[.]  
Também para o mesmo será bom tomar uma  
ajuda que é o seguinte[:.] tomará cozimento  
de malvas com onças de acelgas[.] duas onças da  
erva santa[.] uma onça de mel o[u] iagra<sup>44</sup>[.] uma  
onça de óleo santo[.] tudo morno[.] se fará ajuda  
e se aplique ao enfermo[.] o qual fará para  
reter muito tempo[.] e sendo caso que alcance logo  
será bem tomar outra[.]

#### Para feridas frescas

Para toda a sorte de feridas frescas faz a nossa  
erva santa espantosas curas[.] porque unindo-as  
ao sol[.] dando-as pela primeira intenção  
e depois pouco a pouco as vai trazendo à  
perfeita saúde.

#### Modo de curar

Primeiramente lavando-a com vinho quente[.] e se  
houver necessidade[.] cortando a superfície[.]  
Feito isto[.] se lhe aplicarão panos molhados  
no sumo da dita erva o[u] a mesma erva pisada[.]  
e apertando bem se deixe esta erva

p. 87 473  
por espaço de 24 horas[.] e passadas se fará outra  
cura como a primeira[.] e daí por diante[.]  
pode ir curando com as sobre ditas coisas[.]  
as vezes que for necessário conforme parece  
de quem fizer a cura[.] E depois que a ferida  
tiver matéria[.] se lhe aplicará sua mecha  
molhada no óleo santo[.] em cima uma prancheta  
[d]o unguento santo[.] e não havendo buraco  
para mecha se pode usar de fios secos[.]  
E somente  
esta cura se pode continuar até encourar

---

<sup>44</sup> iagra é o açúcar de palmeiras; jagra (Bluteau, 1712-1728).

ferida[,] porque o mesmo unguento tem singular  
virtude para isso[.]

### Advertência

Em semelhante cura só deve ter muito bom  
Regimento[,] e fazendo *exa cura soins*<sup>45</sup> como sangrias[,]  
purgas leves[,] e o que mais parecer o[u] quem curar  
conforme a ferida e as feridas que curarem  
com o benefício da erva[,] raramente chegarão  
[as quais vem logo ou que vier]<sup>46</sup>  
a curar herpes nem alguma outra corrupção  
[quando venha cura]<sup>47</sup>[.]

### Para chagas velhas

Para chagas velhas[,] ainda que sejam de 12 e de 15  
anos[,] a nossa erva santa faz maravilhosas  
curas, e que aplicando primeiro o sumo  
e as folhas e depois o unguento e óleo mais

as chagas sejam lavadas e alimpadas a podridão[.]

### Para boubas

Para quem tiver boubas no rosto ou na cabeça[,] do  
modo que afetam muito[,] pode-se aplicar o sumo da  
erva as partes onde estiverem as boubas[,] e depois  
de continuar alguns dias[,] se lhe pode aplicar umas  
vezes o unguento e outras vezes o óleo[,] e com isso  
se pode curar de todo o corpo[,] senão para as advertir  
e afugentar destes lugares que para as demais  
se deve usar das curas que apontam os médicos[.]

Outras muitas virtudes têm a erva que até agora  
não andam em uso e por isso não as ponho aqui[,] mas  
o tempo as irá descobrindo para que todos nós  
aproveitemos delas[,] o certo é que a erva é

---

<sup>45</sup> O trecho é incluído em Gomes (1961, 1962) como *exe a cura suins*. *Exa*, do latim *exire* (sair, derivar), e, acreditamos, *soins*, em tradução livre do francês, cuidar. As três palavras – *exa cura soins* – estão grifadas no manuscrito.

<sup>46</sup> Entre as linhas 5 e 6 da 'advertência' da receita. A frase não foi incluída em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17).

<sup>47</sup> Linha abaixo da receita. A frase não foi incluída em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17).

proveitosa particularmente aos pobres pela qual  
razão lhe dei<sup>48</sup> bem o nome que por excelente  
lhe puseram que é erva santa[.]

### Lambedor santo

Tomarão a erva colhida no mês de maio[.] a quantidade  
que quiser[.] a qual se pisará muito bem em gral<sup>49</sup> de pedras  
o[u] de pau[.] espremerá<sup>50</sup> seu sumo[.] feito isto se cozerá em  
fogo brando[.] tirando-lhe a espuma que alevantar por  
cima e como não deitar espuma[.] então tomará

p. 88 475

a quantidade que quiser[.] e ajunte com  
outro tanto [de] açúcar assim  
clarificado[.] e depois ferva tudo junto em fogo brando  
até ter ponto grosso de conserva [.]e feito desta maneira  
dura um ano[.] e deste lambedor se pode tomar de cada  
vez de meia onça até duas conforme a necessidade [de] força[.]  
Este lambedor feito desta maneira fica muito forte,  
querendo usar de outro mais brando tomará uma parte  
de sumo[.] uma e meia de açúcar e de tudo se fará  
lambedor pelo modo que fica dito[.] e por esta ordem se pode  
fazer mais brando e mais forte conforme a necessidade  
de cada um[.] Também se pode ajuntar a este  
lambedor quando se fizer para mitigar sua quentura  
algum sumo de erva fresca como são almeirões[.] chicórias[.]  
erva moura[.] dormideira e outra erva desta sorte como  
alface e do sumo da dita erva[.] pode se ajuntar  
pouco mais o[u] menos conforme a pessoa a quem se há de  
aplicar for mais ou menos quente do fígado[.]

### Para fazer óleo santo

Tomará o sumo da dita erva colhida no mês de maio[.]  
clarificado a quantidade que quiser[.] o qual ajuntará  
outro tanto de azeite de coco que não seja antigo

---

<sup>48</sup> Em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 17), se escreve “diz”.

<sup>49</sup> Gral (de pedra) é um instrumento como vaso fundo de mármore ou marfim no qual se pisam ou trituram medicamentos (Silva, 1813); almofariz (Bluteau, 1712-1728).

<sup>50</sup> Em Gomes (1961, p. 223; 1962, p. 18), se escreve “e as primeira”.

de muito tempo ou azeite de gergelim[,] e tudo junto  
ferva em fogo brando até gastar o sumo que logo  
se sai quando não faz matinada no ferver[,] nem  
levantar um certo vapor ou umidade que levanta  
qualquer licor úmido quando ferve[.]

p. 176

e desta maneira fica óleo perfeito[,] e guarda no vaso de  
vidro o[u] vidrado que durará dois anos

### Outro óleo

*[vide alium modum quenime*

*docuit P. Ignacius da Costa 177]*<sup>51</sup>

Este óleo feito de três permutações que tem mais  
força – Tome azeite de gergelim o[u] de coco[,] uma  
canada e dois arráteis da erva colhida no mês de maio  
machucada[,] e botará no dito azeite em um vaso  
capaz, o qual se porá ao sol por sete dias e depois se porá  
a cozer no fogo brando até gastar toda a umidade[,]  
o qual se conhece quando não faz matinado  
nem levantar vapor. Feito isto se coará o azeite e  
tire a erva fora[,] e no mesmo azeite se botará outros  
dois arráteis da erva e faça como da primeira vez[,] pondo  
ao sol e depois se cozerá como fica dito[,] como acabar  
fará outra do mesmo modo como fica da primeira e [d]a segunda vez[,]  
e quem o fizer desta maneira terá óleo perfeito de três  
permutações como de ordinário manda fazer os médicos[.]

### Unguento santo

Unguento santo não é outra coisa senão tomar uma  
parte de cera e três do óleo de qualquer que seja  
do sobredito[,] e querendo unguento mais duro  
lhe pode botar mais pouca coisa de cera e não  
muito porque a cera não é outra coisa[,] se não para  
dar corpo[.]

---

<sup>51</sup> Esta anotação aparece ao lado esquerdo da receita, referindo que um outro preparo poderia ser encontrado sob o registro do padre Inácio da Costa. Em Machado (1759, p. 303), ver breve menção a este religioso.

### Lambedor da erva seca

p. 89 477

Em duas canadas de água[,] estando fervendo[,] se bote meio arrátel  
da erva seca com o qual dará uma fervura[,]  
e depois tire do fogo e [a]bafe por espaço de seis horas[,] depois  
disso coará por um pano[,] depois a mesma água fervendo  
outra vez se bote outro meio arrátel da erva[,] e por  
esta ordem se pode dar a dita água mais ou menos infusões  
conforme quiserem o lambedor mais ou menos forte[,]  
Depois lhe ajuntará outro tanto [de] açúcar clarificado[,] com qual  
ferverá em fogo brando até ficar em ponto grosso  
de conserva[,] e também desta maneira fica o lambedor  
muito perfeito e durará um ano e tomasse de meia onça  
até duas[.]

### Óleo de erva seca

De infusão da erva seca feita com cinco permutações[,]  
do modo que para o lambedor fica dito uma parte  
de azeite de coco o[u] de gergelim e outro tanto da  
erva[,] e tudo junto ferva até gastar a umidade  
como acima fica dito[,] feito deste modo fica muito perfeito[,]  
e deste óleo também se pode fazer unguento[,]  
ajuntando será na forma que acima fica  
dito – este é lambedor óleo o[u] unguento que acima  
falei tratando a virtude da erva santa[.]

*Finis laus deo*<sup>52</sup>

Leonel de Souza<sup>53</sup>



<sup>52</sup> Em referência à expressão latina 'louvado seja Deus' e ao final do texto.

<sup>53</sup> Há, após a assinatura, um breve parágrafo quase no rodapé do fólio, pouco legível e em latim, com indicações, ao que podemos inferir, sobre as virtudes do emprego do óleo de gergelim e do óleo de rosas, indicados nas páginas 175 e 176 (em que constam as receitas de lambedor santo e óleo santo). Não há menção a este pequeno adendo em Gomes (1961, 1962).

## AGRADECIMENTOS

Este artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas pela autora em estágio de pós-doutoramento realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGHCS/FIOCRUZ), financiado por essa instituição, e sob supervisão da Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury. Faz parte, ainda, das reflexões empreendidas pelo grupo de pesquisa “Escritos sobre os novos mundos” (processo FAPESP 13/14786-6), do qual é membro.

## REFERÊNCIAS

- Acioli, G. (2005). A ascensão do primo pobre: o tabaco na economia colonial da América portuguesa – um balanço historiográfico. *Saeculum: Revista de História*, (12), 22-37.
- Amaro, A. M. (1992). *Introdução de medicina ocidental em Macau e as receitas de segredo da botica do Colégio de São Paulo*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Asuá, M. (2014). *Science in the Vanished Arcadia: knowledge of nature in the jesuit missions*. Leiden: Brill.
- Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e oferecido a El Rey de Portugal D. João V*. (Vol. 8). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus/Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.
- Breve compendio de varias receitas de medicina. (n.d.). (n. 59, ff. 2-79v). Biblioteque National de France, Paris.
- Burton, R. (2001). *A Traveller in Brazil, 1865-1868*. New York: The Edwin Mellen Press.
- Caldeira, A. M. (2008). O tabaco: percurso de uma “planta medicinal” entre a América e a Europa. In *Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- Castelnaud-L'Etoile, C. (2006). *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620* (I. S. Cohen, Trad.). Bauru: Edusc.
- Chambers, D. W., & Gillespie, R. (2000). Locality in the history of science: colonial science, technoscience, and indigenous knowledge. *Osiris*, 15(1), 221-240.
- Collecção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia de Macao e do Brazil compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes. (1766). Archive of the Society of Jesus, Roma.
- Costa, A. (1720). *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis, e saudáveis folhas, em que se deixa ver muitos e singulares remedios assim simples, como compostos, que a Arte, e experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curarcom facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo esta sogieto, principalmente em terras desituidas de Medicos e Boticos. Copiados de diversos Autores assim impressos, como manuscritos, de varias noticias e experiencias vistas e aprovadas... Offerecida pelo Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Provincia de Goa*. (fl.1720). Londres: Wellcome Library.
- Del Valle, I. (2009). *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuitas em el siglo XVIII*. México: Siglo XXI.
- Di Liscia, M. S. (2002). *Saberes, terapias y prácticas médicas en Argentina (1750-1910)*. Madrid: Consejo Superior de Investiga Científicas Instituto de Historia.
- Dias, J. P. S. (2009). Documentos sobre duas boticas da Companhia de Jesus em Lisboa: Colégio de Santo Antão e Casa Professora de S. Roque. *Economia e Sociologia*, 88/89, 295-312.
- Dias, J. P. S. (2010). Até que as luzes os separem. Hipócrates e Galeno na literatura médico-farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII. In I. Ornellas (Org.), *Revisitar os saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à época Moderna* (pp. 77-88). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos FLUL e IELT.
- Febrer, J. L. F. (2001). Las primeras noticias em Europa sobre el uso medico del tabaco. *Revista de Fitoterapia*, 1(4), 269-276.
- Ferrão, J. E. M. (1993). *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*. Lisboa: IICT.
- Fleck, E. C. D. (2015). *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*. São Leopoldo: Oikos.
- Gesteira, H. M., Leal, J. E. F., & Santiago, M. C. (Orgs.). (2019). *Formulário médico: manuscrito atribuído aos Jesuítas e encontrado em uma arca na Igreja de São Francisco de Curitiba*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Golvers, N. (1999). *François de Rougemont, S. J., Missionary in Ch'ang-Shu (Chiang-Nan): a study of the account book (1674-1676) and the Elogium* (Vol. 7). Leuven: Ferdinand Verbiest Foundation K. U. Leuven.
- Gomes, F. A. (1961). Contribuição para o estudo da medicina portuguesa no período da expansão. In *Actas do Congresso International de História dos Descobrimentos*, Lisboa.
- Gomes, F. A. (1962). *O estudo da erva santa que é o tabaco: manuscrito ignorado pelo Padre Leonel de Sousa*. Porto: s/e.
- Harris, S. (1999). Mapping Jesuit Science: the role of travel in the geography of knowledge. In J. W. O'Malley, G. A. Bailey, S. J. Harris & T. F. Kennedy (Eds.), *The Jesuits: cultures, sciences, and the artes, 1540-1773* (pp. 212-239). Toronto: University of Toronto Press.



- Henriques, I. C. (1989). *Plantas e conhecimento do mundo nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Kell, K. (1966). Folk names for tobacco. *The Journal of American Folklore*, 79(314), 590-599.
- Leite, S. (1952). Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760). *Brotéria*, (4), 386-403.
- Leite, S. (1956). *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil* (Vol. 1). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
- Leite, S. (2004). *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Vol. 4). São Paulo: Loyola.
- Léry, J. (1972). *Viagem à terra do Brasil* (S. Milliet, Trad. & Not.). São Paulo: Martins.
- Machado, D. B. (1759). *Bibliotheca lusitana, histórica critica, e chronologica na qual se compreende a noticia: dos authores portuguezes, e das obras, que compozerão defde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prefente* (Vol. 4.). Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Martín, C., & Valverde, J. L. (Orgs.). (1995). *La farmacia en la América colonial: el arte de preparar medicamentos*. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada.
- Nóbrega, M. (1988). *Cartas jesuíticas 1*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Quétif, J., & Échard, J. (1719). *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti, notisque historicis et criticis illustrati*. Paris: Ballard et Simart.
- Rodrigues, F. (1944). *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal* (Vol. 2-3). Porto: Apostolado da Imprensa.
- Russell-Wood, A. J. R. (1998). *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)* (V. Anastácio, Trad.). Alges: Difusão Editorial.
- Saldanha, M. J. (1990). *História de Goa (política e arqueológica)* (Vol. 1). New Delhi: Asian Educacional.
- Silva, A. M. (1813). *Diccionario da lingua portugueza: recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- Vertude da Erva Sancta que he o tabaco (n.d.). In Breve compendio de varias receitas de medicina (n. 59, ff. 2-79v). Biblioteque National de France, Paris.
- Viotti, A. C. C., & França, J. M. C. (2019). *Coleção de várias receitas e segredos de nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Walker, T. D. (2009). Acquisition and circulation of medical knowledge within the early modern Portuguese colonial empire. In D. Bleichmar, P. De Vos, K. Huffine & K. Sheehan (Eds.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800* (pp. 247-270). California: Stanford University Press.
- Walker, T. D. (2013). The medicines trade in the Portuguese Atlantic world: dissemination of plant remedies and healing knowledge from Brazil, c. 1580-1830. *Social History of Medicine*, 26(3), 1-29.
- Zupanov, I. G. (2005). *Missionary Tropics: the Catholic Frontier in India (16th-17th Centuries)*. Ann Arbor: University of Michigan Press.